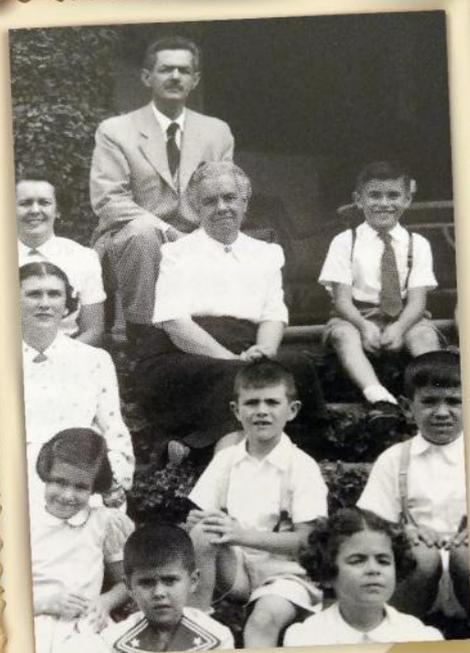


MINHA TAUBATÉ DOS ANOS 1950

Beatriz Cruz

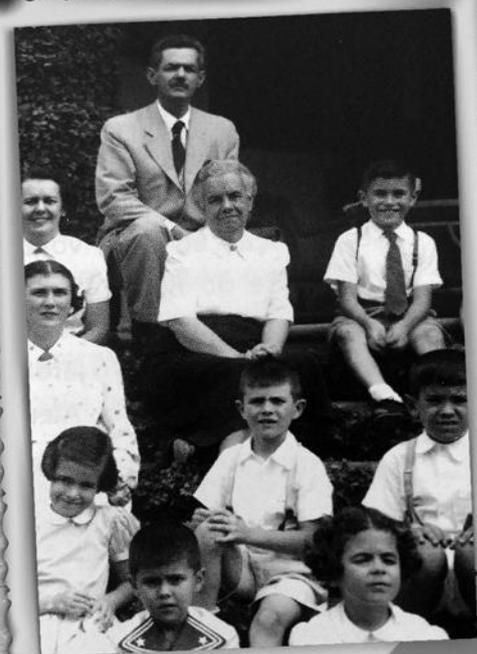




MINHA,
TAUBATÉ
DOS ANOS
1950

MINHA TAUBATÉ DOS ANOS 1950

Beatriz Cruz



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Beatriz Cruz

Editora Executiva: **Cássia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Cruz, Beatriz de Oliveira Costa

Minha Taubaté dos anos 1950 / Beatriz de Oliveira Costa Cruz. –

Sorocaba : Recanto das Letras, 2017.

128 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-69943-60-0

1. Crônicas brasileiras 2. Memória autobiográfica 3. Taubaté (SP) - Memórias I. Título

17-1578

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Rua Laura Barbero Shimmelpfeng, 260 - Sorocaba - São Paulo

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.



PREFÁCIO

E POR FALAR EM SAUDADE...

Prefácio, apresentação, introdução... Alguns livros justificam o formalismo das palavras de abertura de livros. Existem situações, porém, que tais investidas não vestem bem o corpo de escritos saídos da saudade, da vontade de repartir experiências e simplesmente de contar casos. Quando isto acontece, a tarefa de quem é convidado para escrever as páginas inaugurais de um *livro de memórias* deve permitir voos livres por céus e mares amplos. Rebaixado o formalismo, resta flunar em considerações mais afetivas que técnicas e aproveitar a paisagem feita de frases bem recortadas.

Na intimidade confidente, portanto, devo dizer que me sinto mais achegado como leitor do que comentarista. E me explico: conheço Beti Cruz desde os tempos em que era *de Oliveira Costa*. Mesmo quando deixou Taubaté, cá e lá se ouvia referências àquela moça que "foi pra São Paulo" e depois, "de lá para o mundo". Sabia-se que era bem formada, que em Taubaté foi aluna de escolas que conhecemos e em seguida, de outros colégios importantes da capital. Ah! Sabia-se também que viajava muito e falava línguas. Entre notícias vagas, porém, contava-se que Beti gostava de escrever. Passados anos, eis que tudo se explica: a menina que se foi voltou senhora, mãe e avó e se reinventou em Taubaté de onde, na realidade, nunca saiu de vez. As viagens viraram itinerários encantados e suas lembranças agora ganham forma de livros. Tudo narrado a partir de sementes férteis.

MINHA TAUBATÉ DOS ANOS 50 dá conta de tudo isso. Na verdade, se trata de um livro dividido em duas partes, onde numa primeira, vários temas são visitados sob a chave de uma saudade pessoalizada; então diversos assuntos são passados em revista e detalhados no aconchego das recordações. E como nunca a palavra recordação se faz sugestiva: ação de lembrar pelo coração. Mas, isso não é tudo, destilada em crônicas mágicas uma segunda parte se multiplica em comentários que, ainda que dispersos, não perdem a unidade e a graça de uma vida que quer se narrar. Juntas as partes se completam, possibilitando uma pequena epopeia cheia de evocações poéticas e remessas ternas. Diria que o talento narrativo da autora tem uma organização traiçoeira. Com muita sagacidade, o percurso narrado se orienta por uma estrutura geográfica, algo artilosa. As descrições de seu universo infantil, dos labirintos e caminhos da meninice, das misteriosas capelas, das andanças por escolas, palcos, ruas, sugerem rumos que explicam a percepção de alguém que sendo de dentro consegue se ver como se de fora fosse. É aí que a arte se faz feitiço e nos cativa.

Ao retomar suas peripécias, depois de se apresentar no tecido local de sua casa, as *contações* vão se alargando e assim se apresentam vizinhos, parentes, e tudo ganha a cena de festas juninas, carnavais, celebrações em família. E então aparecem a Coca-Cola, doces caseiros, queijos e comidas familiares. Diria que a combinação dos sentidos atizados pela autora dá conta de um laço de saudade que amarra fatos, pessoas e casos que merecem o abraço de quem conheceu e dos que perderam por não pertencer a esse mundo. Mas há redenção para todos, a leitura deste conjunto de histórias. Divirtam-se...

José Carlos Sebe Bom Meihy



MINHA TAUBATÉ DOS ANOS 1950

Tempos Antigos

Eu nasci no Hospital Santa Isabel, na Avenida Nove de Julho e fui morar com meus pais na mesma rua, mas não tomei conhecimento de quase nada daquela época. Nem podia, era um bebê. A Segunda Guerra Mundial ainda não havia terminado e o mundo sofria.

Papai, advogado, ia para o Fórum de bicicleta. Mamãe, professora de inglês, não lecionava no momento, tinha que cuidar das crianças.

Tenho vagas lembranças da casa em frente à nossa, onde viviam os Tavares, porque mamãe me levava lá de vez em quando. Eu nem imaginava que a nossa rua era a continuação da estrada São Paulo-Rio, por isso já movimentada. Depois fomos morar na Rua Visconde do Rio Branco, bem no centro. O terreno do fundo da nossa casa fazia divisa com um terreno que ficava atrás da catedral. Ela, a catedral, vivia em reforma.

Durante minha infância, para mim, a cidade resumia-se a algumas poucas ruas centrais. A Praça D. Epaminondas, a Rua do Sacramento, Rua das Palmeiras, a Pedro Costa, Marquês do Herval e a Rua do Meio, como ouvia dizer. De início, meu circuito era pequeno, ia da praça da catedral até o Largo do Rosário, pois quase todos meus parentes viviam nesse pedaço. Com o passar do tempo, comecei a ampliar meus conhecimentos urba-

nos circulando pela Anísio Ortiz, Barão da Pedra Negra, Jardim da Estação e até arriscando alguns passeios pela Praça Santa Terezinha, imensa e desolada, com a cadeia de um lado e a igreja de torres inacabadas na outra extremidade. Entre as duas construções, um enorme espaço de terra batida, sem uma árvore sequer! Para andar de bicicleta era bom. Quando algum circo vinha para a cidade, depois do desfile da troupe e animais pelas ruas centrais, eles armavam a lona com arquibancada mambembe ali na Praça Santa Terezinha.

De vez em quando íamos até a Vila São José, onde vovó tinha uma chácara com algumas vacas e muitas jabuticabeiras. Bem mais tarde, esta chácara se transformou no Jardim Ana Emília. Para se chegar até lá, o carro seguia pela Rua Visconde do Rio Branco, passava pelo Bosque, ia em direção ao Convento e tomava a direita, ao lado do Campo de Futebol, seguindo depois pela Rua Cavarucanguera. Tenho ideia de que cruzávamos um riacho por ali, mas pode ser imaginação.

Do outro lado da cidade, quando eu ia para os meus passeios de bicicleta, lembro-me que sempre derrapava na terra quando terminava o calçamento de paralelepípedos logo adiante do Cine Urupês. Lá longe ficava o Colégio Bom Conselho e bem mais adiante, o quartel, num local que me fazia estremecer, pois o povo o chamava de “As Caveiras”!

Eu gostava de frequentar a Vila das Graças com minha tia Marina, porque sempre havia festas em volta da igreja, realizadas pelo padre José Luís. As barracas das quermesses se estendiam até perto da linha do trem. Quando íamos a Tremembé passávamos por baixo da Ponte Seca, nome que sempre me intrigou.

A Casa Cabral, que ficava na esquina da Rua das Palmeiras com a Visconde do Rio Branco, era o prédio mais alto que eu via.

No térreo havia uma loja bonita, onde encontrávamos tecidos, meias e rendas. Do outro lado da esquina, uma loja com bicicletas expostas chamava minha atenção.

No quarteirão entre a Rua Visconde e a praça, ficava o lugar mais gostoso do mundo, a sorveteria do Raphael, com mesas de tampo de mármore. Ali tomávamos deliciosos sorvetes. No meio do quarteirão havia uma farmácia, outras lojas e uma pequena leiteria com queijos na vitrine, que me davam água na boca.

Na parte mais larga da Praça Dom Epaminondas havia árvores, bancos e um canteiro com algo no centro, não sei se uma fonte ou um busto. Os carros podiam passar pela rua que circundava o jardim. Era na praça que ficavam o ponto final dos ônibus, chamados naquela época de “circulares”.

Ao longo da praça havia dois ou três restaurantes, uma papelaria, a Câmara Municipal, um cartório, um hotel, uma farmácia e talvez uma ou outra loja. Durante o dia sempre circulava gente pela praça, mas era à noite que ela ficava apinhada. A parte em frente à igreja era o local preferido dos homens que ali se reuniam em inúmeras rodinhas para conversar. Até parece que era proibido para mulheres. Elas iam para o jardim, onde se encontravam com as amigas.

As senhoras sentavam-se nos bancos para papear enquanto as crianças corriam soltas, brincando sem parar. As jovens circulavam em grupos pela calçada, rindo sempre, enquanto os rapazes rodeavam o jardim no sentido contrário. Assim podiam se encontrar várias vezes com suas paqueras. Ao se cruzarem, os rapazes diziam “gracinhas” que as moças fingiam não ouvir, mas pareciam adorar.

Os bancos da praça, daqui ou de qualquer outra localidade, eram de cimento com anúncios de casas comerciais, patroci-

nadoras dos folguedos da população. Como ainda não conhecíamos a televisão, ninguém ficava em casa. Os grandes programas eram ir para a praça ou ao cinema. Parece que em frente ao Cine Palas, na Rua das Palmeiras, também havia um *footing*.

A cidade contava com vários cinemas, o Metrópole, o Palas, o Odeon, o Urupês e o Bela Vista, mas só havia sessões à noite. As matinês aconteciam aos sábados e domingos. E a famosa sessão do Mercurinho funcionava no domingo de manhã.

Nas manhãs dos sábados e domingos o Taubaté Country Club ficava lotado. Depois da missa todo mundo ia para lá. Muita gente ia para a piscina, enquanto outros jogavam tênis ou então ficavam de prosa com os amigos. Ao meio-dia em ponto as pessoas desapareciam, era a hora do almoço em casa.

As mulheres usavam vestidos rodados, godês ou pregueados, mas sempre com a cintura muito bem demarcada, às vezes até por um cinturão de elástico. Os homens andavam de terno, gravata e chapéu. Esses ternos em geral eram claros, talvez de linho, e os chapéus, muitas vezes, eram do tipo Panamá.

Para o banho de piscina as moças usavam maiôs de látex, com modelos inspirados naqueles dos concursos de Miss Brasil, de frente-única ou tomara que caia. Os homens nadavam de calção. Longe da praia nenhuma mulher, por mais ousada que fosse, usava short ou calça comprida. Esses trajes só eram permitidos no litoral, onde também vigorava a saída de banho, naquela época uma espécie de jaleco, com mangas e amarrado na cintura. Ainda não conhecíamos as confortáveis bermudas, nossas fiéis companheiras de hoje.

Os meninos andavam de calça curta com suspensório até lá pelos treze anos. Para ir à missa aos domingos ou em dias de festa, eles usavam terninho e gravata presa ao pescoço por elástico. Alguns gostavam de gravata borboleta. Mas a calça era curta,

assim como os cabelos, quase raspados na parte de trás e com um grande topete engomado na frente. Quando os pais permitiam ao garoto usar calça comprida, ele virava um mocinho.

As meninas viravam mocinhas quando trocavam as meias soquete pelas de náilon e passavam a usar sapatos de saltinho. Deixavam também de usar aquele laçarote nas costas, na altura da cintura e passavam a adotar os cintos de couro ou de elástico. Aí então podiam copiar os modelitos das mais velhas e o que reinava eram as saias godê guarda-chuva. Quem confeccionava o guarda-roupa das moçoilas e senhoras eram as costureiras, ou até modistas, como dona Noêmia, que tinha seu ateliê com várias funcionárias bem em frente da nossa casa. Ela fazia vestidos de festa e as costureiras ficavam com o trivial: saias, blusas, vestidos “de bater”, camisolas ou roupas de crianças. Combinações de algodão ou cetim e calcinhas rendadas também eram feitas por essas profissionais.

Nos salões de beleza as mulheres se embonecavam fazendo permanente para ficar com os cabelos cacheados. Ao lavar a cabeça das clientes, as cabeleireiras usavam também um pouco de cerveja para fixar os penteados, pois ainda não havia laquê por aqui. Tal como acontece até hoje, vigoravam os penteados da moda, com uma larga onda pendendo para a lateral e muitos cachinhos rodeando a nuca. Na parte de cima da cabeça o cabelo ficava bem apertadinho, nem um fio fora do lugar. Só pintavam o cabelo as quarentonas, para disfarçar o embranquecimento que começava a despontar. As senhoras idosas, aquelas que já tinham a cabeça toda branca, usavam anil, o que as deixava com os cabelos arroxeados. Elas quase sempre se vestiam de cinza ou preto. As mulheres andavam de vestido ou de saia e blusa. Em ocasiões mais importantes, usavam *tailleurs* bem confeccionados,

acompanhados de blusas com gola e punhos de renda. Para disfarçar as barriguinhas salientes, suportavam o suplício de cintas elásticas. Fora o incômodo das ligas para prender as meias de seda acima dos joelhos. Os sapatos eram pesados, de salto largo e amarrados com finos cordões, invariavelmente pretos. Olhando a foto de minha avó vestida desse modo, com os cabelos grisalhos presos em coque, aos cinquenta anos, parece-me bem mais velha do que qualquer senhora que hoje anda pelos oitenta. Até eu mesma, em fotos de meus vinte e poucos, quando usava *tailleur* modelo Chanel e penteados laqueados, tirando o rosto, pareço contar uns quarenta.

Felizmente muita coisa mudou nesse setor. Atualmente vemos pelas ruas alegres vovós trajando coloridos *joggings*, saltitantes em seus incrementados tênis de marca, fazendo saudáveis caminhadas, muitas vezes acompanhadas de distintos senhores em bermudões. Em outros momentos do dia, nas lojas, nos restaurantes ou nas salas de espera das clínicas, lá estão elas em esvoaçantes conjuntinhos de calça comprida e camisão, com sandálias da moda e bolsas da hora. Loiras, todas loiras, com cortes de cabelo bem atualizados. Cabelos branquinhos só mesmo algumas. Ouvi dizer que no Brasil as mulheres não envelhecem, tornam-se loiras.

Os Casarões

As casas daquela época eram bem diferentes das atuais. As mais antigas eram grandes e compridas, geralmente com algumas janelas e a porta de entrada dando diretamente para a rua. Essa porta era alta e tinha uma “bandeira”, espécie de esquadria

de madeira em semicírculo com vidrinhos, às vezes coloridos. As duas folhas da porta ficavam o dia todo abertas, por onde se viam alguns degraus. Depois havia o “para-vento”, (outra porta), esta de madeira e vidro, que permanecia fechada. A seu lado é que ficava a campainha. Ela abria para um corredor comprido que terminava numa ampla sala de jantar e estar ao mesmo tempo. A sala de visitas ficava separada, logo na entrada da casa, com porta antes do para-vento e só era usada para se receber pessoas de cerimônia. No dia a dia os sofás de palhinha e várias poltronas ali existentes ficavam cobertos com lençóis brancos para não empoeirar. Quase sempre havia um piano a um canto e, no centro, uma mesa com porta-retratos e bibelôs. Encostados nas paredes, um ou dois consoles com pares de vasos de porcelana sobre tampos de mármore. Quadros e espelhos com molduras douradas também enfeitavam essas salas. Em algumas casas cheguei a ver almofadas bordadas ou de veludo no chão, em cima de tapetes coloridos.

Na sala de jantar a mesa era sempre enorme, com muitas cadeiras ao seu redor e no centro dela pairava uma grande fruteira, só para decorar. Pendendo do teto, bem na direção da fruteira, um imenso candelabro com muitas lâmpadas e mil penduricalhos. Numa das paredes víamos um móvel alto, envidraçado e todo rococó, onde se enfileiravam inúmeras taças, desde as de champanhe até as miudinhas para licores. Era a infalível cristaleira, peça obrigatória nas casas. Várias garrafas contendo licores caseiros, de jabuticaba, de leite, de pitanga, de amora, ficavam ali esperando o momento de serem servidos às visitas, a qualquer hora do dia. Num dado momento da conversa alguém entrava na sala com a bandeja cheia de tacinhas e algumas lico-reiras. Todos saboreavam a doce bebida e faziam comentários

sobre suas receitas. Nem os circunspectos senhores escapavam do licorzinho, mesmo que fosse às onze horas da manhã.

A um canto da sala de jantar havia sempre um sofá mais duas ou três cadeiras de palhinha e uma gostosa cadeira de balanço, onde o dono da casa lia seu jornal ou escutava o rádio. Havia muitos modelos de cadeira de balanço, algumas eram simples, outras mais sofisticadas, com estofamento e molas, porém a mais famosa delas sempre foi a “cadeira austríaca”, toda curvilínea e de palhinha.

Em algumas casas, havia um recinto que desapareceu totalmente das residências, o jardim de inverno. Era uma sala de estar envidraçada e ensolarada, cheia de samambaias e avencas em cachepôs de metal ou de louça, que ficavam em cima de mesinhas ou pedestais de madeira. Nos alpendres e varandas também havia muitas plantas e móveis de vime, nunca faltando a cadeira de balanço.

No jardim, atrás da casa, canteiros coloridos apresentavam rosas, margaridas, violetas, suspiros, begônias, hortênsias, gerânios e bocas-de-leão. Ao fundo, uma pérgola abrigava bancos de ferro. Jabuticabeiras, goiabeiras, abacateiros ou mangueiras nunca faltavam nesses quintais.

As casas antigas tinham umas dependências esquisitas que também não vemos mais: as alcovas e os porões. Quando eu era criança, as alcovas, aqueles quatinhos escuros, já não serviam mais como dormitórios de moçoilas, tinham sido transformadas. Abriram janelas em algumas e outras no interior da casa serviam de guarda-louças ou de “quarto do santo”, onde uma infinidade de imagens se sucediam em cima de altas cômodas de gavetas enormes. Outras ainda alcançaram o status que eu imaginava de “passagens secretas”, contendo apenas estantes de livros e serviam para dar acesso de um cômodo a outro.

Os porões assustavam as crianças. Se fossem baixos, não passavam de escuros depósitos de tranqueiras, plenos de teias de aranha e talvez até fantasmas se escondessem ali. Havia, porém, os que tinham quase a altura normal das casas de hoje e eram habitáveis. Estes eram aproveitados de várias formas. Na casa de meu avô, em Caçapava, havia não só seu escritório em uma parte, como a “goiabadeira” de minha avó em outra. Era uma grande sala cheia de estantes com caixetas de goiabada e vidros de compotas ali armazenadas para ser consumidas durante todo o ano.

Em outras casas eu vi dependências de empregadas em porões com janelinhas que davam para o quintal. Olhando de fora, parecia casa de anõezinhos, mas eu sabia que lá dentro o chão ficava rebaixado, a gente descia por uma escadinha. Tinha gente que usava o porão como lavanderia, estendendo ali as roupas que não podiam ficar no quintal durante a noite, para não tomar sereno. Ali também se passava a roupa com o ferro de brasa.

Ao contrário de hoje, os locais mais feios dessas casas eram a cozinha e o banheiro. Este, sem graça, com meia parede de azulejos brancos, tinha uma banheira, uma pia pequena e a privada com tampa de madeira. Em cima da privada, a caixa d’água com uma cordinha para dar a descarga. Tudo branco, menos o piso de ladrilho estampado, em geral azul ou preto com cinza. O banheiro ficava sempre no fundo da casa, perto da cozinha.

A cozinha tinha o mesmo piso e era bem ampla. Nela reinava o grande fogão de lenha, quase sempre pintado de vermelho escuro. Ele permanecia com as bocas acesas o dia todo, em cima das quais panelas de ferro e de barro fumegavam e exalavam odores deliciosos. A cozinheira, além de mexer nas panelas, passava grande parte do tempo ajeitando as achas de lenha para

que o fogo não se apagasse. Ao lado do buraco onde se colocava a lenha havia a portinhola de ferro do forno. Ele era fundo e para se colocar lá dentro os pães, bolos e biscoitos para assar era preciso utilizar longas pás de madeira.

Depois do jantar, terminadas as atividades do dia, quando a lenha já tinha se tornado carvão, alguém passava uma vassourinha de piaçava para limpar a cinza da cauda do fogão. No dia seguinte, logo cedo, outra vez a faina: trazer a lenha, colocá-la no fogão e atear o fogo. Em seguida, colocar a chaleira com água para ferver e preparar o bule com o coador de pano pendurado numa armação para passar o café. O bule de metal permanecia muitas horas sobre a boca fumegante, permitindo às pessoas se servirem sempre de café quentinho, cujo gosto, para nós hoje em dia, seria bem duvidoso. Muitas pessoas tinham o hábito de fazer o café adoçado. Tomei até café de rapadura em algumas fazendas, e gostava. Agora, nem pensar!

Casas Modernas

As casas modernas já não eram tão grandes e apresentavam algumas modificações. Em primeiro lugar, começaram a ser construídas mais longe da calçada, dando lugar a um pequeno jardim com canteiros. Uma mureta baixinha com acabamento de grade e um portãozinho de ferro separavam--nas da rua. Logo na entrada, um pequeno alpendre. As salas encolheram, os móveis se transformaram. Os sofás e poltronas de palhinha foram substituídos por estofados, as cadeiras de balanço começaram a desaparecer, mas as cristaleiras e consoles ainda perduraram por muitos anos, até o momento em que foram le-

vados para os antiquários. Hoje podemos reabilitá--las, mas a peso de ouro.

A disposição dos cômodos também sofreu sérias mudanças. Os quartos já não davam mais para a sala, houve uma separação das alas, levando os dormitórios para o fundo e trazendo a cozinha para mais perto da sala de jantar. A novidade dos fogões a gás eliminou para sempre a lenha e a fumaça das casas. Eliminou também a figura do limpador de chaminés, serviço pesado que intrigava as crianças. De tempos em tempos, seu João, o nosso jardineiro, aparecia com um pano enrolado na cabeça, como se fosse um turbante, pegava uma vassoura de cabo longuíssimo e sumia dentro da chaminé. Nós ficávamos curiosos, queríamos entrar também, mas ele não deixava e quando voltava de lá parecia uma pessoa assustadora, com a cara suja, coberto de fuligem. Era ele também quem cortava a lenha com o machado.

As tábuas largas de madeira lavada das casas antigas foram trocadas por pequenos tacos, que deviam ser encerados e para isso contávamos outra vez com os serviços de seu João. Era ele quem passava a palha de aço no chão, antes da cera. Enquanto esta secava, ninguém podia entrar no recinto, pois era o mesmo que andar sobre um local ensaboado. Os pés deslizavam, a pessoa dançava sem querer e podia levar um tombo danado. Depois é que se passava o escovão, objeto pesadíssimo que foi substituído pela enceradeira elétrica, hoje em franco desaparecimento.

Nos dias de faxina, os tapetes eram levados para o quintal e pendurados no varal. Ali a dona da casa ou as empregadas se encarregavam de dar-lhes uma surra de pauladas para retirar todo o pó e o sol completava o trabalho, matando pulgas aninhadas em seus pelos. Depois de algumas horas é que eles voltavam a seus lugares de honra, numa função que demanda-

va várias mãos e muita força para levantar os móveis e esticá-los bem. Ainda estávamos longe de conhecer os práticos aspiradores de pó. Para se limpar os móveis usava-se o espanador, um cabo de madeira com penas amarradas nas pontas. O uso desse objeto permitia a quem não quisesse fazer uma limpeza profunda disfarçar bem, era só passá-lo de levinho e fingir que estava trabalhando.

Nas cozinhas, o trabalho pesado foi se tornando mais leve, pois novas panelas de alumínio começaram a aparecer no mercado, tomando o lugar daquelas de ferro e de barro. Podia-se comprar uma bateria completa, que consistia num conjunto de panelas, caçarolas, frigideiras, chaleira e o bule de café, mais uma armação cheia de ganchinhos. Essa armação era pregada na parede e as panelas ficavam penduradas nos ganchinhos. Nas casas de bem tudo devia brilhar e para isso areavam-se as panelas. A expressão “arear” vem de areia mesmo, pois nada melhor do que ela para tirar a fuligem das panelas que ficavam com o fundo nas bocas do fogão de lenha. Com o advento do gás elas já não pretejavam tanto, mas a expressão continuou e permanece até agora, mesmo para nós que usamos as lâs de aço, chamadas de Bombril, a marca que virou nome da palhinha. Seu uso ficou tão arraigado que dele não escapam nem as panelas de revestimento antiaderente, do tipo Tefal ou Teflon, outras marcas que se popularizaram, virando tipos de panelas e frigideiras. Para a limpeza destas não há necessidade da palhinha, ao contrário, seu uso pode danificá-las.

O cuidado com as roupas

No fundo dos quintais havia sempre um rancho com o tanque para lavar a roupa e perto dele um canteiro com grama fina e alta. Era ali que se estendiam as roupas brancas para “quarar”, isto é, tomar sol para ficarem bem branquinhas. O tal canteiro chamava-se “quarador”. Na hora de secar, as roupas iam para o varal, nada mais do que um longo arame pendurado em paredes. Para abaixá-lo ou para mantê-lo suspenso era necessário usar uma taquara enorme. Como vocês podem notar, nessa época desenvolvia-se bastante o muque das pessoas. O varal, com muitas peças penduradas, ficava pesadíssimo.

A roupa da casa se chamava “roupa branca”, porque tudo era branco mesmo, desde os lençóis, toalhas de mesa, até as toalhas de banho e de rosto. Muitas daquelas de rosto eram feitas de linho e tinham franjas como acabamento. Em muitas residências tudo tinha as iniciais da dona da casa bordadas com linha azul ou branca. Em algumas casas havia até um local apropriado para se guardar esta roupa, não era um armário, mas um pequeno hall com prateleiras. Chamava-se roupeiro. Hoje tratamos esse conjunto de roupas como “cama, mesa e banho”.

Bem antigamente as jovens passavam anos bordando seu enxoval e iam guardando as peças num baú. Com o passar do tempo foram delegando este trabalho a bordadeiras e finalmente essa atividade desapareceu. A partir da segunda metade do século XX ninguém mais se preocupou com esses detalhes, podia-se comprar tudo pronto nas lojas. Roupas de cama coloridas, toalhas de banho felpudas, toalhas de mesa estampadas.

Acho que foi por esta época também que apareceram as lavadoras de roupa, máquinas que vieram auxiliar em muito o

trabalho doméstico. No lugar dos pesados ferros pretos aquecidos com carvão surgiram os ferros elétricos, de metal, bem mais leves e práticos. Mas nem por isso o trabalho de passar a roupa deixou de ser complicado, pois muita coisa ainda devia ser engomada, como se usava, para ficar bem passadinha, principalmente o colarinho das camisas masculinas e as anáguas, que serviam para armar as saias.

Com a chegada das fibras sintéticas tudo mudou no campo dos tecidos. O náilon apareceu e fez uma revolução, pois seca-va rápido e não precisava ser passado. Logo depois veio o tergal, que também tinha as mesmas qualidades, além de fixar pregas e vincos. Apareceram então as misturas dessas fibras com outras, de algodão ou de lã. Os anos 1950 e 1960 foram marcados por saias de tergal, blusas de *banlon* e camisas “volta ao mundo”, de náilon, com as quais se podia viajar sossegado, eram leves, podiam ser lavadas à noite e na manhã seguinte já estavam prontas para o uso.

As fibras sintéticas foram se integrando à nossa vida enquanto os aparelhos eletrodomésticos foram se aprimorando. As máquinas de lavar roupas ganharam programas e os ferros elétricos um tanque para água, além do termostato. Isso sem falar dos designs, da praticidade e do colorido. Atualmente podemos lavar a roupa com água quente ou fria, enxaguá-las quantas vezes quisermos, secá-la em secadoras pequenas ou grandes. Ou então deixá-la pendurada em varais presos no teto, dentro de casa. A roupa já sai da lavadora bem escorrida, não respinga no chão. Quase não se usa mais sabão de pedra, só em pó ou líquido, além de acrescentarmos perfumados amaciantes.

Não há mais necessidade de se engomar nada, os colarinhos já vêm preparados para ficar firmes e as anáguas sumiram,

desapareceram por completo do guarda-roupa feminino. Vários produtos auxiliam as passadeiras em sua tarefa. Os tecidos mesclados com fibras sintéticas não amarrotam tanto, algumas peças nem precisam do ferro. Perdemos a nobreza do linho e da seda, por outro lado ganhamos em praticidade. Aliás, algumas fibras até imitam a seda ou a camurça, com a vantagem de serem mais baratas.

Com a chegada das máquinas de lavar roupa o tanque perdeu um pouco sua função e foi parar dentro de casa. Nas novas moradias e nos prédios de apartamentos, onde não há quintal, a lavanderia fica ao lado da cozinha, num local chamado “área de serviço”. Os tanques deixaram de ser de cimento, agora são de louça e ficaram bem pequenos. Hoje eles servem quase que somente de esgoto para as máquinas ou para se lavar alguma coisinha sem importância. Os varais feitos de plástico se tornaram compactos e são presos ao teto por cordões. Eles podem descer ou subir, conforme a necessidade. Nos apartamentos não podemos mais quilar a roupa, mas há quem use alvejantes para substituir essa função. As roupas ficam branquinhas, mas não guardam aquele cheirinho gostoso de sol.

As Malas

Quero lembrar de algumas coisas que os jovens de hoje talvez nem saibam. Todas as crianças iam para a escola com suas malas, que não eram as de viagem, claro. Eram pequenas pastas de couro que serviam para levar nossos cadernos e o estojo de lápis. Tínhamos de carregá-la com a mão, pois sua alça era curtinha. A tiracolo levávamos a lancheira, também em couro com

MINHA TAUBATÉ DOS ANOS 1950



Beatriz, bebê, no colo de sua mãe Laura Costa. O irmão Paulo no colo da tia Conceição Costa e o primo Antônio José ao lado. Estamos no Jardim da Estação.

Taubaté, 1944

